

LEAH  
*fora de*  
SINTONIA



LEAH  
*fora de*  
SINTONIA

Becky Albertalli:

TRADUÇÃO DE ANA RODRIGUES



Copyright © 2018 by Becky Albertalli  
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização do autor.

TÍTULO ORIGINAL  
Leah on the Offbeat

REVISÃO  
Luara França  
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

ARTE DE CAPA  
Chris Bilheimer

DIAGRAMAÇÃO  
Carolina Araújo | Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A289L

Albertalli, Becky  
Leah fora de sintonia / Becky Albertalli ; tradução Ana Rodrigues.  
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.  
320 p. ; 21 cm.

Tradução de: Leah on the offbeat  
ISBN 978-85-510-0381-7

1. Ficção americana. 2. Adolescência. 3. Bissexualidade. I. Rodrigues,  
Ana. II. Título.

CDD: 813  
CDU: 82-3(73)

[2018]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

Para todos os leitores que sabiam que algo  
estava acontecendo, quando nem eu sabia.





NÃO QUERO SER DRAMÁTICA NEM nada, mas Deus me livre deixar nosso setlist nas mãos de Morgan. Aquela garota é um pai careta em crise de meia-idade no corpo de uma aluna do último ano do ensino médio.

Por exemplo: ela está ajoelhada no chão, usando o banco do teclado como mesa, e todas as músicas em sua lista são clássicos medíocres do rock. Sou uma pessoa bem tolerante, mas, como norte-americana, música e ser humano com um mínimo de dignidade, é meu dever e meu privilégio vetar sumariamente essa palhaçada.

Eu me estico um pouco para a frente no banco e espio.

— Nada de Bon Jovi. Nem Journey.

— Sério? — pergunta Morgan. — Todo mundo ama “Don’t Stop Believin”.

— Todo mundo ama drogas. Vamos começar a usar, então?

Anna ergue uma das sobrancelhas.

— Leah, você acabou de...

— Comparar “Don’t Stop Believin” com drogas? — Dou de ombros. — Foi isso mesmo.

Anna e Morgan trocam um Olhar com O maiúsculo que diz *Vai começar o sermão.*

— Só estou dizendo a verdade. Alguém tem que dizer. Essa música é péssima. A letra é uma porcaria.

Dou um tapinha na caixa da bateria para enfatizar.

— Eu gosto da letra — comenta Anna. — É tão pra cima!

— Não tem nada de “pra cima”, porque você só consegue ficar pensando no absurdo ridículo que é um trem da meia-noite indo, abre aspas, *para qualquer lugar*, fecha aspas.

Elas trocam outro Olhar, dessa vez dando de ombros muito levemente. Tradução: *até que faz sentido*.

Tradução da tradução: *Leah Catherine Burke é um gênio, e nunca, jamais, deveríamos duvidar do gosto musical dela*.

— Acho que é melhor não incluirmos mais nada até Taylor e Nora voltarem — sugere Morgan.

Ela tem razão. Por causa dos ensaios do musical da escola, as duas não têm conseguido se dedicar à banda desde janeiro, e, embora eu e as outras meninas nos encontremos algumas vezes por semana, é um saco ensaiar sem nossa vocalista e nossa guitarrista principal.

— Então está combinado — diz Anna. — Acho que já deu por hoje, né?

— Mas já?

Eita. Talvez eu devesse ter guardado minhas opiniões sobre o Journey só para mim. Tipo... eu entendo. Sou branca, supostamente deveria adorar rock clássico ruim, mas meio que pensei que estivéssemos todas curtindo esse debate animado sobre música e drogas. Pode ser que o papo tenha saído um pouco dos trilhos em algum momento, porque Morgan está guardando o teclado e Anna, mandando mensagem para a mãe vir pegá-la. Pelo visto, já deu por hoje mesmo.

Minha mãe ainda vai demorar uns vinte minutos para chegar, então fico mais um pouco na sala de música depois que as meni-



nas vão embora. E até que eu gosto. É legal ficar tocando bateria sozinha. Deixo as baquetas assumirem o comando, do bumbo para a caixa, e de novo, de novo, de novo. Algumas batidas nos tons. Alguns xii, xii, xii no chimbau e então o prato de ataque.

Prá.

Prá.

E mais uma vez.

Só escuto meu celular vibrando quando o *ping* da caixa postal apita. Minha mãe, só pode ser. Ela sempre liga, só manda mensagem em último caso. É nesse momento que você supõe que ela tem uns cinquenta anos, ou um milhão, mas não: minha progenitora só tem trinta e cinco mesmo. Eu tenho dezoito. Vamos lá, faça as contas. Pois é. Sou basicamente uma Rory Gilmore gorda da Sonserina.

Nem me dou ao trabalho de escutar o recado, porque minha mãe sempre manda uma mensagem de texto quando não consegue falar comigo. E eis que:

**Estou muito enrolada por aqui, filha. Você pode vir de ônibus hoje? Desculpa mesmo.**

**Sem problemas,** respondo.

**Você é incrível.** Emoji de beijinho.

O chefe da minha mãe é um advogado obcecado que não para de trabalhar um segundo, um robô sem limites, então isso acontece sempre. Ou ela está presa no trabalho ou tem um encontro mais tarde. É bem estranho ter uma mãe com uma vida amorosa mais agitada que a minha. No momento, ela está saindo com um cara chamado Wells. Sim, é esse mesmo o nome dele. O sujeito é careca e rico, com umas orelhas minúsculas, e acho que tem quase cinquenta anos. Eu o encontrei uma vez, por meia hora, e nesse tempo ele conseguiu fazer seis trocadilhos e disse “isso é *soda*” duas vezes.

Enfim. Eu tinha um carro, então não dependia da carona de ninguém, mas aí o carro da minha mãe resolveu morrer no último verão, e ela passou a usar o meu. Resumindo: agora tenho que pegar o ônibus da escola, junto com trinta e cinco pirralhos do primeiro ano. Não que eu me incomode, imagina.

Temos que liberar a sala de música até as cinco, por isso desmonto a bateria e coloco tudo no armário em que guardamos os outros instrumentos. Sou a única que usa a bateria da escola. Os outros alunos têm seus próprios sets, nos confortáveis porões das mansões em que moram. Meu amigo Nick tem um set Yamaha DTX450K, e ele *nem toca bateria*. Nem se eu juntasse dinheiro por um bilhão de anos conseguiria comprar um desses. Mas aqui na escola é assim. Bem-vindo à Shady Creek.

O ônibus só sai daqui a meia hora, então acho que vou bancar a tiete e dar uma passada no ensaio do pessoal do teatro. Ninguém se incomoda quando faço isso, embora a estreia seja sexta-feira. Sinceramente, eu vou tanto aos ensaios que as pessoas devem esquecer que não faço parte da peça, mesmo que a maioria dos meus amigos faça — até Nick, que nunca se interessou por teatro ou nada do tipo. Tenho certeza de que ele só quis participar da peça para passar mais tempo com a linda e adorável namorada, mas, como aqui ele é amado por todo mundo, conseguiu o papel principal.

Pego o corredor que leva à coxia e me esgueiro pela porta. Obviamente, a primeira pessoa que vejo é meu melhor amigo, o devorador de Oreos mais fofo do mundo: Simon Spier.

— Leah! — Ele está nos bastidores, com o figurino ainda pela metade, conversando com alguns amigos. Não tenho ideia de como a sra. Albright convenceu tantos garotos a participar da peça este ano. Simon vem falar comigo. — Você chegou bem a tempo para o meu número.

- Foi tudo friamente calculado.
- SÉRIO?
- Não.
- Te odeio. — Ele me cutuca com o cotovelo e me abraça.
- Mentira. Te amo.
- É claro que ama.
- Não acredito que você vai me ouvir cantar.
- Sorriso.
- Tá acontecendo!

Então alguém sussurra um comando inaudível, e os meninos se enfileiram nos bastidores, empolgados e prontos para a ação. Gente, é impossível olhar para eles e não rir. O musical deste ano é *José e o deslumbrante manto de mil cores*, e todos os irmãos de José estão usando barba falsa bem cheia. Não sei, talvez tenha uma explicação na Bíblia para isso.

— Leah, nada de “boa sorte” — retruca Simon. — Você tem que me desejar “merda”.

— Simon, vai logo pra lá, estão esperando você.

— Tá bom, mas olha só, não vai embora. Vamos na Waffle House depois daqui.

— Combinado.

Conforme os garotos entram correndo para o ensaio, me afasto e fico nos bastidores. Vejo Cal Price, o diretor de palco, parado diante da mesa entre as cortinas.

— Oi, Ruiva.

Ele sempre me chama assim, embora meu cabelo não seja exatamente ruivo. Não tem problema nenhum — Cal é um fofó —, mas toda vez que ele diz isso, sinto um aperto no peito.

Meu pai me chamava de Ruiva. Na época em que ele me chamava de alguma coisa.

— Já viu essa? — pergunta Cal.

Balanço a cabeça, e ele aponta com o queixo para o palco, sorrindo. Eu me aproximo e dou uma espiada.

Os garotos estão se sacudindo. Não tem outro jeito de descrever. O professor do coral toca uma música ao piano, que soa meio francês, e Simon dá um passo à frente, com a mão no peito.

— *Lembra daqueles dias gloriosos em Canã...?*

A voz dele sai um pouquinho trêmula, e seu sotaque francês é um desastre, mas sua apresentação é hilária e intensa: ele se ajoelha, puxa o cabelo, geme. Sem exagero, talvez seja a performance mais incrível de todos os tempos.

Nora surge ao meu lado.

— Adivinha quantas vezes ele repetiu esse número lá em casa?

— Por favor, me diz que ele não faz ideia de que você ouviu tudo.

— Ele não faz ideia de que ouvi tudo.

Desculpa, Simon, mas você é precioso demais para ser magoado dessa forma. Se não fosse gay e comprometido, eu com certeza me casaria com você. E, verdade seja dita, me casar com Simon seria incrível, e não só porque eu tive uma paixão profunda e secreta por ele durante quase todo o ensino fundamental. É mais do que isso. Em primeiro lugar, me agrada muito a ideia de ser uma Spier, porque aquela família é absolutamente perfeita. Além de Nora, eu ganharia uma cunhada mais velha maravilhosa e que já está na faculdade. Isso sem falar que os Spier moram numa casa linda e enorme onde não tem roupas largadas e bagunça. Até o cachorro deles eu amo.

Quando a música termina, saio de fininho dos bastidores e dou a volta até a última fileira do auditório, conhecida entre a galera do teatro — ou os aspirantes a isso — como o Cantinho

da Pegação. Não tem mais ninguém ali, só eu, observando a movimentação no outro lado da sala. Nunca participei de nenhuma peça, embora minha mãe viva me dizendo para tentar. Mas eis o problema: você pode passar anos desenhando fan arts terríveis, e ninguém nunca vai ver. Você pode tocar bateria sozinha na sala de música até saber o bastante para não passar vergonha na frente dos outros. Mas, nessa história de atuação, o buraco é mais embaixo. Não dá para passar anos e anos tentando e errando, sozinha. Quando se é atriz, você tem uma plateia antes mesmo de existir uma plateia de fato.

Um crescendo na música. Abby Suso dá um passo à frente, usando um colar de contas gigante e uma peruca do Elvis. E está cantando.

Ela está incrível, é claro. Não tem uma dessas vozes que conseguem alcançar todas as notas possíveis, como Nick ou Taylor, mas canta a música direitinho, e além de tudo é bem engraçada. Isso faz a diferença. Ela é uma palhaça no palco, e em determinado momento a sra. Albright chega a gargalhar, o que é bem impressionante — não só porque quem diria que as pessoas ainda gargalham hoje em dia?, mas porque ela já viu essa cena umas mil vezes. Pois é, essa é Abby. Nem eu consigo tirar os olhos dela.

Quando a apresentação chega ao fim, a sra. Albright reúne o elenco para fazer algumas observações. Todo mundo se espalha pelo palco, mas Simon e Nick escapam para o fundo e se sentam perto de Abby. Óbvio.

Nick a abraça, e ela se aconchega nele. O que também é óbvio.

Não tem wi-fi aqui, por isso só me resta ficar ouvindo as observações da sra. Albright, seguidas por dez minutos de um monólogo não solicitado de Taylor Metternich sobre *se libertar e se*

*tornar o seu personagem.* Minha teoria é de que Taylor realmente se excita com o som da própria voz. Nada me tira da cabeça que agora ela está tendo minúsculos orgasmos secretos bem diante de nossos olhos.

O ensaio finalmente termina, e todos saem do auditório, recolhendo as mochilas no caminho, mas Simon, Nick e Abby esperam juntos, perto do fosso da orquestra. Eu me levanto, me espreguiço e desço para ir ao encontro deles. Uma parte de mim quer enchê-los de elogios, mas algo me impede, talvez por ser uma atitude sincera demais, um pouco “Leah do quinto ano” demais. Sem contar que eu jamais ficaria me derretendo toda por Abby. Só de pensar nisso já tenho vontade de vomitar.

Dou um *high-five* em Simon.

— Você arrasou.

— Eu nem sabia que você estava aqui — comenta Abby.

É difícil saber o que ela quer dizer com isso. Talvez seja um insulto velado. Tipo, *quem deixou você ficar aqui, Leah?* Ou quem sabe: *nossa, nem reparei que você estava aí, de tão irrelevante que você é.* Mas pode ser que eu esteja dando importância demais a uma frase banal. Isso sempre acontece quando envolve Abby.

— Vocês vão na Waffle House mesmo, né? — pergunto.

— Vamos, estamos só esperando a Nora.

Martin Addison se aproxima.

— Oi, Simeão — diz.

— Oi, Rubem — responde Simon, erguendo os olhos do celular.

São os nomes dos personagens. E, sim, Simon faz o papel de um cara chamado Simeão, porque acho que a sra. Albright não conseguiu resistir à brincadeira. Rubem e Simeão são dois dos irmãos de José, e tenho certeza de que tudo isso seria muito fofo e bonitinho se não envolvesse Martin Addison.

Quando Martin passa por Abby, ela revira os olhos. Olha, é bem difícil irritá-la, mas Martin alcança essa proeza pelo simples fato de existir. E por achar que é amiguinho de Simon, como se o ano passado não tivesse acontecido. É muita audácia mesmo. Os dois nem se falam tanto, mas odeio até quando eles se cumprimentam com um “oi” cordial. Não que eu tenha o direito de decidir com quem Simon conversa ou deixa de conversar, mas sei — reparo — que isso irrita Abby tanto quanto a mim.

Simon volta a digitar no celular, provavelmente mensagens para Bram. Eles estão namorando há pouco mais de um ano e são um desses casais tão felizes que até enjoa. Eles nem ficam se agarrando na frente dos outros nem nada do tipo. Na verdade, mal se tocam quando estão na escola, provavelmente porque as pessoas são babacas e homofóbicas, mas os dois trocam mensagens e sorrisinhos o dia todo, como se não conseguissem passar nem cinco minutos sem se falarem. Sendo bem sincera, é difícil não sentir inveja. Não só por causa da atmosfera conto de fadas/olhares brilhando/tensão sexual latente. É porque eles lutaram por esse relacionamento. Os dois tiveram coragem para dizer: *foda-se isso tudo, foda-se a Geórgia, fodam-se todos vocês, seus preconceituosos de merda.*

— Bram e Garrett vão encontrar a gente lá? — pergunta Abby.

— Vão. Estão saindo agora do futebol — responde Simon, com um sorriso.

Entro no carro de Simon e me acomodo no banco do carona, enquanto Nora, no de trás, revira a mochila. Ela usa uma calça jeans toda suja de tinta e com a barra enrolada, e seus cachos estão presos em um coque bagunçado. Uma de suas orelhas é cheia de piercings, e ela também usa uma pedrinha azul minúscula no

nariz, que colocou no verão passado. Ela é muito fofa mesmo. Mais fofa ainda é como ela é a cara do irmão e como os dois são a cara da irmã mais velha. Um é cópia do outro, incrível.

Finalmente, Nora acha o que procurava na mochila: um pacote enorme de M&M's.

— Estou morrendo de fome.

— Mas a gente está literalmente a dois minutos da Waffle House — diz Simon, pegando alguns M&M's.

Pego um punhado também, e eles derretem perfeitamente na boca — quer dizer, não derretem de uma vez. Estão só macios por dentro.

— Então não foi um desastre completo, né? — pergunta Simon.

— A peça? — pergunto.

Ele assente.

— Claro que não. Foi incrível.

— É, mas as pessoas ainda estão errando as falas, e a estreia é na sexta-feira. E o doido do Potifar ferrou com uma música inteira hoje. Nossa, preciso muito de um waffle.

Pego o celular para ver o Instagram. Abby postou milhares de stories do ensaio, e parece que estamos assistindo a uma comédia romântica. Uma cena de Nick e Taylor cantando no palco. Um superclose de Abby e Simon. E um close ainda maior do rosto de Simon, que ficou com narinas tão grandes que Abby enfiou o desenho de um panda dentro de uma delas. E Abby e Nick, inúmeras vezes.

Guardo o celular no bolso. Estou me sentindo incomodada e estranha — como se estivesse chateada com alguma coisa, embora não saiba o quê. Parece que tem algo pinicando no fundo da minha mente.

— Não estou conseguindo identificar a música — diz Nora.



Demoro um pouco para perceber que ela está falando comigo e mais um pouco para perceber que estava batucando no porta-luvas.

— Ih. Também não faço ideia.

— Era assim — diz Nora, tamborilando uma batida direta de um-dois nas costas do meu assento.

*Bum-tap-bum-tap*. Todas oitavas, rápidas e regulares.

Então a música surge em minha cabeça como num passe de mágica.

É “Don’t Stop Believin’”. Meu cérebro é ridículo mesmo.